

humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

ERIC DAHLÉN, *Remarques syntaxiques sur certains verbes pronominaux en latin et en langues romanes*, *Studia Graeca et Latina Gothoburgensia*, xxxvii Acta Vniuersitatis Gothoburgensis, 1977, 58 p.

A Escola Sueca, que tem os seus dois maiores pólos clássicos em Gotemburgo e em Estocolmo, apresenta-nos aqui o 37.º trabalho da série iniciada em 1955 e na qual encontramos nomes tão conhecidos como A. Fridh, I. Düring, H. Hagendahl e E. Winstrand. Aqui publicou também E. Dahlén os *Études syntaxiques sur les pronoms réfléchis pléonastiques en latin* (1967). Este estudo, sob a designação de *Thèse* é muitas vezes citado na presente obra, que dele é uma continuação e por vezes uma nova reflexão e aperfeiçoamento.

E. Dahlén entra, por isso, sem qualquer prólogo ou explicação do plano de investigação, na pesquisa de *verbos de movimento* (pp. 1-28) e passa aos *verbos de estado* (pp. 29-36), *uerba sentiendi* (pp. 36-42), *uerba affectus* (pp. 42-44) e *alguns outros verbos pronominais* (pp. 44-54). Tal como não fizera uma introdução, também o Autor não organiza uma conclusão ou resumo.

A investigação, propondo-se um estudo *sintáctico*, entra muitas vezes pelo âmbito especializado do vocabulário, da crítica textual e da história literária. O método de trabalho consiste em seleccionar verbos que se apresentam como pronominais; e através de citações nos diversos autores tanto latinos como românicos (sobretudo na fase arcaica destas línguas) procura apurar a origem da sua construção e a evolução do seu significado.

O Português é citado a propósito de *se plicare, se applicare* (pp. 2-5) provando E. Dahlén que *plicare* passou do sentido originário de «dobrar as velas» ao românico de «ir-se embora, partir, chegar», através do composto *applicare*, citando a propósito vários autores, desde a tradução da Vulgata do Antigo Testamento. De entre os nossos autores Martinho de Braga é referido para mostrar como *sibi constare* (pp. 34-35) adquiriu o significado de «estar em perfeita harmonia consigo mesmo» (*Formula uitae honestae* 3,3).

Como é natural, a *Peregrinatio Aetheriae* é citada muitas vezes, quase sempre em referência à obra magistral de E. Löfstedt. De estranhar apenas é que, ao referir-se à data da redacção da obra, E. Dahlén continue a usar uma expressão tão vaga como «qui n'a pas été écrit plus tard qu'au VI.º siècle» (p. 27). Ora, depois de várias aproximações anteriores que provavam ser a obra do final do séc. IV ou princípio do séc. V, em 1967, o jesuita Paul Devos provou irrefutavelmente que Egéria esteve no Oriente desde 381 a 384 (*Analecta Bollandiana* 85, pp. 165-194). De facto, esta data é aceite desde então e consagrada nas mais recentes edições, que são as de Agustín Arce, *Itinerario de la Virgen Egeria (381-384)*, B.A.C., Madrid, 1980 e Pierre Maraval, *Égérie. Journal de Voyage (Itinéraire)*, Sources Chrétiennes, n.º 296, Paris, 1982.

O valioso estudo de E. Dahlén termina com o índice das principais passagens literárias tratadas e o vocabulário inventariado em latim, francês, provençal, italiano, espanhol, português, romeno e ainda expressões germânicas em alemão e sueco.

Perante o ataque a que estão sendo sujeitas nos últimos decénios as línguas clássicas, a ponto de o seu estudo ser suprimido no ensino secundário e até no uni-

versitário, a Escola Sueca dá-nos um exemplo de persistência, do valor da especialização e da capacidade de adaptação, porque soube encaminhar-se para o estudo do Latim como suporte da linguística românica.

J. G. F.

H. A. DRAKE, In Praise of Constantine: A historical study and new translation of Eusebius' Tricennial Orations, University of California Publications: Classical Studies, volume 15, Univ. of California Press, Berkeley, Los Angeles, London, 1976, 191 p.

H. Drake apresenta-se perfeitamente senhor da complexa problemática que o discurso pronunciado a 25-7-336 por Eusébio de Cesareia levanta na filologia da Antiguidade Grega Cristã. Embora se proponha um fim eminentemente filológico de tradução e interpretação, H. A. Drake foi lançado no estudo do período em que viveu Constantino Magno (280-337), apresentando-nos uma *Introdução* (pp. 1-79) profundamente recheada de saber histórico, filtrado através dos maiores e melhores conhecedores desta época.

Começa por ser o próprio Autor, Eusébio de Cesareia (260-339), que é enquadrado e compreendido na sua época, como bispo e literato, formado na escola clássica e organizador da primeira *História Eclesiástica* (que vai das origens até 224); e além de obras teológicas diversas, constrói no *In Laudem Constantini* a primeira filosofia política das relações entre o Império e a Igreja, a qual vigorará durante um milénio; e é também o primeiro «espelho de príncipes» (p. 11). Eusébio revela-se perfeitamente consciente do sentido da sua missão, que é relatar a história e fazer compreender os grandes homens.

Assim, somos levados a estudar mais demoradamente os acontecimentos relacionados com a última grande perseguição aos cristãos, decretada por Diocleciano em 303 e logo em 305 reconhecida como impopular e incapaz de vencer a força dos ideais cristãos, a ponto de ir enfraquecendo aqui e ali, consoante os governadores, e de, em 311, Galério ter dado ordem de cessação. Entretanto, Constantino, filho do general Constâncio e de Helena — esta de condição humilde, mas que soube depois elevar-se às grandezas do poder e da santidade — fizera uma normal carreira política; e era oficialmente elevado a César a 31-3-307. Os acontecimentos foram decorrendo a seu favor, a ponto de a 28-10-312 ter vencido Maxêncio, na célebre batalha de Ponte Milvio, nos arredores de Roma. Aliás, Constantino vinha assumindo a sua missão de reinar. Em 310 (conta um seu panegirista pagão) tem uma visão de Apolo que lhe promete o triunfo das suas tropas. Antes do embate contra Maxêncio, vê no céu o Lábaro promissor que lhe diz: «Com este sinal vencerás» (cf. pp. 22-23, e discussão da interpretação do símbolo e seu significado pp. 72-73). Só mais tarde (324) derrotará definitivamente Licínio, ficando desde então inequívoco imperador do Ocidente e Oriente, qual novo Augusto, a quem se comparou em tempo de governo e sentido de missão.